

## A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PROMOTORA DA VISIBILIDADE SOCIOPOLÍTICA DO CIDADÃO

1

Prof. Dr. Luiz Fernando Pinto Bahia

O ensinamento de Sócrates era: somente aquele que sabe viver consigo mesmo está apto a viver ao lado de outros.

O eu-mesmo é a única pessoa de quem não posso me afastar, que não posso deixar, a quem estou irrevogavelmente unido.

Conseqüentemente, “é muito melhor estar em desacordo com o mundo inteiro do que, sendo um, estar em desacordo comigo mesmo”.

A ética, não menos do que a lógica, tem sua origem nessa afirmação, pois a consciência em seu sentido mais geral também se baseia no fato de que eu posso estar em acordo ou desacordo comigo mesmo, **e isso significa que não apenas apareço aos outros, mas que apareço também para mim mesmo.**

(...)

***E, segundo Sócrates: “Seja como gostaria de aparecer aos outros”, isto é, apareça a si próprio tal como gostaria de aparecer quando visto pelos outros.*** (grifos nossos)

(Hannah Arendt, In: *A promessa da política*, p. 63-64.)

A Lei Federal nº 9.394 de 1996 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – dedica um capítulo específico a respeito da Educação de Jovens e Adultos.

Em seu artigo 37 preceitua que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. [\(Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008\)](#)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.”

Verifica-se, assim, o firme propósito dos legisladores, nossos lícitos representantes no Congresso Nacional em apoiar toda uma geração de pessoas que tem permanecido à margem da história educacional do nosso país.

O site oficial do MEC informa que o Ministério realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa, segundo o Governo Federal, é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade.

O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Desse total, 90% se localizam na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa, por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, Estados, Municípios e o Distrito Federal.

A página do MEC informa, ainda, que em 2004 foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), a secretaria, então, mais nova do Ministério da Educação. Nela estão reunidos temas como alfabetização e educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação escolar indígena, e diversidade étnico-racial, temas antes distribuídos em outras secretarias. O objetivo da Secadi é contribuir para a redução das desigualdades educacionais por meio da participação de todos os cidadãos em políticas públicas que assegurem a ampliação do acesso à educação.

Constata-se, ainda, que três anos após foi implantado o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado pela Resolução nº 18, de 24 de abril de 2007, para distribuição, a título de doação, de obras didáticas às entidades parceiras, com vistas à alfabetização e à escolarização de pessoas com idade de 15 anos ou mais. Entidades parceiras são os estados, Distrito Federal, municípios, que estabelecem parceria com o Ministério da Educação, por intermédio da Secadi, na execução das ações do Programa Brasil Alfabetizado.

Consta, também, que segundo o MEC:

Os objetivos do programa são os de dar cumprimento ao Plano Nacional de Educação – que determina a erradicação do analfabetismo e o progressivo atendimento a jovens e adultos no primeiro segmento de educação de jovens e adultos até 2011 – e promover ações de inclusão social, ampliando as oportunidades educacionais para jovens e adultos com 15 anos ou mais que não tiveram acesso ou permanência na educação básica; estabelecer um programa nacional de fornecimento de livro didático adequado ao público da alfabetização de jovens e adultos como um recurso básico, no processo de ensino e aprendizagem.

O programa de Educação de Jovens e Adultos enseja, desta forma, uma análise da questão da invisibilidade sociopolítica que pode preocupar alguns educandos.

Efetivamente, parcela do público-alvo do programa almeja afirmar a respectiva identidade nas ações cotidianas e todos, sem exceção, buscam a plena cidadania prevista na Constituição Federal de 1988, em particular nos artigos referentes aos

Direitos e Deveres Individuais e Coletivos e dos Direitos Sociais, expressos respectivamente no artigo 5º, o mais longo da Carta Magna, com 78 (setenta e oito) incisos, e no artigo 6º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

(...)

LXXVIII - a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação. [\(Incluído pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004\)](#)

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. [\(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010\)](#)

Tal pesquisa sobre direitos e deveres em sociedade e a educação como promotora da visibilidade sociopolítica do cidadão implica retomar os pensamentos de Sócrates analisados pela filósofa política alemã Hannah Arendt (em epígrafe) em termos de uma *visibilidade* autêntica e consciente. Implica considerar, ainda, esse jogo dialético, esta relação do Eu com o Outro que tem inquietado a humanidade. Pensadores vários na prosa, na poesia, na educação e na política, apresentados a seguir, abordaram este complexo tema.

- Fernando Pessoa, grande poeta e escritor português ao escrever o consagrado poema *Navegar é preciso* evoca a famosa frase de Pompeu (general e político romano do século I a.C.) "Navigare necesse est; vivere non est necesse".<sup>1</sup>
  - Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,

transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;

ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue

o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

O vocábulo "preciso" permite, nesse contexto, duas leituras: a necessidade de se fazer algo e, também, a ideia de se fazer algo com exatidão. Assim deve ser a proposta a ser oferecida aos alunos que buscam inclusão na sociedade.

Neste sentido, a decisão de cada educando da EJA em se alfabetizar e/ou ampliar o respectivo grau de escolaridade é algo a ser aplaudido e incentivado pelos educadores e pela sociedade de uma forma geral, já que tais conhecimentos serão a chave certa

---

<sup>1</sup> Tradução: *Navegar é preciso; viver não é preciso - dito aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra (cf. Plutarco, In Vida de Pompeu).*

para a real inclusão e promoção do indivíduo ao *status* de cidadão pleno de direitos e obrigações conforme preceitua a Carta Magna Brasileira.

Como vaticina o poeta português “viver não é necessário; o que é necessário é criar” e “contribuir para a evolução da humanidade”. Para tanto, é preciso que os indivíduos, educadores e educandos reflitam sobre seu papel em sociedade. Essa reflexão sugere sinceridade, verdade e pureza próprios do olhar dirigido a si próprio como se mirando em um espelho, numa possível apreensão do Eu sem conotações narcísicas.

Eugène Enriquez, professor emérito da Université Paris VII, no ensaio intitulado “O Outro, semelhante ou inimigo?” publicado na obra *Civilização e barbárie* (organizada por Adauto Nunes), invoca e resume ideias do psicanalista francês Jacques Lacan quanto às relações possíveis entre o espelho e a formação do Eu:

Se o eu se constitui a partir da imagem especular, é por uma apreensão global (antecipação do domínio do corpo). Mas esta apreensão do corpo como unidade, que faz surgir o júbilo fora do “estágio do espelho”, só é possível porque a criança é, antes de tudo, constituída como unidade pelo olhar do outro sobre ela (...) só podemos nos ver porque o outro nos vê e fala de nós. É, portanto, por uma identificação com a imagem que os outros têm sobre nós que podemos ter uma imagem de nós mesmos. O que significa que o eu é constituído, desde a origem, como instância imaginária e remete diretamente ao conjunto dos modelos imaginários do sujeito.<sup>2</sup>

Prossegue Enriquez, dizendo que “a imagem especular é, portanto, a imagem do semelhante, mas ela nos adverte da presença de um outro ‘si mesmo’ no espelho, e de um outro real que nos fala, nos designa e nos atribue qualidades e defeitos.”

Observa-se, por via de consequência, que o sentir-se invisível na sociedade contemporânea pode ter explicação na não-percepção do outro, ou sob outro prisma, na ausência desse necessário interlocutor real (virtual) que reflete e desenha a perfeição ou imperfeições da imagem e do perfil do indivíduo.

Assim, essa não-visibilidade pode ocorrer a partir da não-percepção do sentimento de cidadania do próprio sujeito.

---

<sup>2</sup> NOVAES, Adauto (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 47.

Desta forma, a Educação de Jovens e Adultos deve ter como escopo essa verdadeira postura teleológica, ou seja, ter como finalidade maior a clarividência de que o educando em tela deve alcançar esse nível de percepção de si mesmo, como efetivo cidadão, atuante e respeitado pelos seus semelhantes.

Em artigo atribuído a Frei Betto, intitulado “Alteridade, subjetividade e generosidade” publicado no site: <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/72-alteridade> há considerações interessantes sobre o vocábulo *alteridade*.<sup>3</sup>

Diz o escritor religioso:

A dificuldade, dentro da ótica neoliberal, é trabalhar a dimensão da alteridade. O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade.

Em *A arte de semear estrelas* o frade dominicano evoca também a metáfora do espelho quando registra:

---

<sup>3</sup> No campo da análise do discurso aconselha-se consultar os verbetes: identidade, sujeito e alteridade inseridos na obra: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 266- 267. Nesta obra constata-se que “não há consciência de si sem consciência da existência do outro, que é na diferença entre ‘si’ e ‘o outro’ que se constitui o sujeito.” “A identidade resulta, ao mesmo tempo, das condições de produção que exercem coerções sobre o sujeito, condições que estão inscritas na situação de comunicação e/ou no pré-construído discursivo, e das estratégias que ele põe em funcionamento de maneira mais ou menos consciente.”

*Benditos os que se resguardam em câmaras secretas para reaprender a gostar de si e, diante do espelho, descobrem-se belos na face do próximo; os ébrios de transcendência e os filhos da misericórdia que dormem acobertados pela compaixão. E quem corrige o equívoco do poeta e sabe que o amor não é eterno enquanto dura, mas dura enquanto é terno.*<sup>4</sup>

Essa apreensão do Outro e essa nova visão de mundo pode ser estudada também em Maurice Merleau-Ponty. Este sociólogo no capítulo “O mundo percebido”, em seu livro *Fenomenologia da percepção*, retrata bem esta questão ao registrar que “O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema”.<sup>5</sup> O autor enfatiza o valor do corpo como “um eu natural e como que sujeito da percepção”.<sup>6</sup>

Nesse contexto, a ação afirmativa da Educação de Jovens e Adultos deve primordialmente cuidar desse olhar sobre a tridimensionalidade da educação: o domínio das habilidades intelectuais, das habilidades afetivas e das habilidades psicomotoras.

Na busca do entendimento maior da necessária visibilidade do educando em análise pode-se observar, ainda, no interessante ensaio intitulado “A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais”, organizado pelas psicólogas Ana Mercês Bahia Bock e Maria da Graça Marchina Gonçalves, que evocam a figura notável de Arthur Ramos de Araújo Pereira (médico [psiquiatra](#), [psicólogo social](#), [etnólogo](#), [folclorista](#) e [antropólogo brasileiro](#), que foi um dos principais intelectuais da primeira metade do século XX) , ao retomarem um trecho da clássica obra *Introdução à psicologia social* (1933) quando Arthur Ramos diz:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.freibetto.org/index.php/livros/50-a-arte-de-semear-estrelas>. Acesso em 12 jul. 2011.

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro da Mota. 3.ed. São Paulo : Martins Fontes, 2006. p.273.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 278.



O homem isolado é um mito. A sua personalidade só pode ser compreendida dentro do jogo complexo das influências ambientais – físicas, sociais e culturais. Um dos problemas da psicologia social é justamente esse de investigar a ação total do meio sobre o indivíduo ... (Ramos, 2003, p.237).

E o autor enfoca seu olhar sobre a “pessoa” como “indivíduo dentro de seus padrões sociais” e informa que “a própria consciência da sua individualidade, ele a adquire como membro do grupo social, visto que é determinada pelas relações entre o “eu” e os “outros”. (Ramos, 2003, p.238).<sup>7</sup>

Ampliando e buscando examinar essas relações interpessoais há pesquisas importantes realizadas pelo professor universitário Edward Lopes no campo do discurso, das metáforas, da linguística e da semiologia. Na obra *A Identidade e a Diferença*, ao examinar o descentramento do sujeito, tema que constituía, segundo o autor, um avanço notável nos anos 40, Lopes julgou que tais questões poderiam ter se desenvolvido de maneira mais expressiva no século passado. Tal avanço permitiria que os estudos semiolinguísticos no transcurso desta recente mudança de milênio pudessem sair do “impasse em que se encontram desde Saussure e Jakobson com a concepção de um percurso da comunicação linear, unidirecional e de sujeitos polarizados, que se supõem integrantes como atores isolados” (...).

Assim prossegue Lopes, retomando o pensamento do teórico e crítico literário tcheco Jan Mukarovsky que

percebe que não se pode mais pensar na comunicação como um fenômeno processado de um e outro lado entre sujeitos estanques, que seria supor que a comunicação pudesse ocorrer entre sujeitos incommunicantes.<sup>8</sup>

No dizer, ainda, de Mukarovsky

Um homem não é nunca um indivíduo é, antes, um universo singularizado por seu nascimento, designado, a vida toda, pelo nome que se dá a

<sup>7</sup> Arthur Ramos (médico psiquiatra) e Anísio Teixeira (educador) desenvolveram importantes pesquisas no âmbito das propostas da Escola Nova, particularmente na década de 30, no Brasil.

<sup>8</sup> LOPES, Edward. *A Identidade e a Diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 306.

essa singularização; ora, esse nome se reconhece como provisório e como signo. Esse reconhecimento é realizado no diálogo.<sup>9</sup>

Neste artigo introdutório à presente edição da Revista Pandora Brasil pretendeu-se perceber a invisibilidade sociopolítica como um fenômeno que tem suas raízes no exercício do uso da palavra, oral, escrita ou gestual entre as pessoas ou grupos sociais.

Nesta perspectiva, o escritor Modesto Carone em *A poética do silêncio* traz o antológico poema de João Cabral de Melo Neto “Rios sem discurso”:

Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma se comunica (...)<sup>10</sup>

Os versos deste grande poeta nordestino e que integrou com brilhantismo a Academia Brasileira de Letras vão além da compreensão metafórica pretendida. Transforma-se, com certeza, numa linguagem metalinguística de primeira grandeza e reconhecida internacionalmente. A palavra escrita, o discurso oral ou a linguagem de sinais “em situação de poço” são registros que configuram apenas potência. Há necessidade de se transformar essa potência em efetivo poder. Este o grande desafio a ser oferecido e aplicado aos alunos da EJA e a todos os discentes de uma forma geral.

Julga-se que a incursão pela literatura, pelas pesquisas sociológicas e psicológicas evidencia como os políticos e educadores brasileiros poderiam se inspirar para o exercício dessa magia que caracteriza o ensino e a educação deste imenso e promissor país.

São inúmeros os exemplos possíveis que identificam a importância da palavra. *Palavra* que precisa ser colhida em seu próprio reino, com respeito e dedicação

---

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 307.

<sup>10</sup> CARONE, Modesto. *A poética do silêncio*: João Cabral de Melo Neto e Paul Celan. São Paulo: Perspectiva, p. 26.

porque lá está em estado “dicionário”, aguardando a sua aceitação e promovendo, em decorrência, a comunicação interpessoal e a visibilidade decorrente entre os interlocutores.

Todavia, não se poderia esquecer de Carlos Drummond de Andrade. Este grande poeta em *Procura da poesia* eternizou, também, os seguintes versos sobre a solidão e a mudez dos vocábulos e dos poemas antes de “descobertos”, “desvelados” pelos autores :

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te  
provocam.

Espera que cada um se realize e consuma  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e  
concentrada  
no espaço.<sup>11</sup>

E, para finalizar, invocam-se os pensamentos de Paulo Freire que em *Pedagogia da Autonomia* diz :

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tornado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a

<sup>11</sup> Carlos Drummond de Andrade em “A procura da poesia” transmite todo um jogo dialético entre o sim e o não, entre a ação e a inércia, entre a luz e a escuridão, entre o poder da palavra e o poder do silêncio. Neste sentido, cabe ao docente buscar conhecer seus alunos para poder planejar, e maneira estratégica, a ação e a intervenção educativa por meio das letras, dos sons, dos sinais, em síntese, por meio do diálogo.

irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.<sup>12</sup>

Este notável educador reafirmou e/ou criou conceitos magníficos e eternos como “o homem é um ser inacabado”, “não há ética sem estética”, “ser corajoso é domar o medo” dentre tantos outros pensamentos diretamente imbricados com a arte de educar. Ele valorizou o estatuto da cidadania, inovando com a aplicação de verbos como “entender”, “penumbrar”, “miopizar” dentre tantos outros associados à atitude do “pensar certo” para que o educando tenha a plena “compreensão do que vem sendo comunicado” e que tenha uma visão mais clara da ideologia política e da realidade social em que está inserido.

Trata-se da conquista da visibilidade pelo poder da palavra, do efetivo diálogo.

Observa-se, então, conclusivamente que diversos intelectuais, ao longo dos séculos, escritores, psicólogos, sociólogos, filósofos, pensadores ilustres, parlamentares, têm se preocupado em avaliar essa interação dos homens em sociedade.

Nestes termos, a inserção social desses educandos Jovens e Adultos somente poderá ser edificada nessa compreensão da interação do “eu” e do “outro”, nesse jogo especular em que a alteridade, entendida como visto acima como uma apreensão global e benéfica do outro.

Esta fruição, esta posse destes conceitos pelos educandos de forma digna, no exercício de seus deveres e direitos e, sobretudo, na compreensão do significado do vocábulo “alteridade” é que irá permitir a definição da identidade sociopolítica e, por decorrência, da visibilidade da pessoa, alicerce e estrutura da efetiva cidadania.

---

<sup>12</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.42.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARENDT, Hannah. *A promessa da política*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia & GONÇALVES, Maria da Graça Marchina (org.). *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura socio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional*.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto: 2004.

CHRISTO, Carlos Alberto Libânio. *A arte de semear estrelas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Edward. *A Identidade e a Diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MODESTO, Carone. *A poética do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

NOVAES, Adauto (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

### Documentos eletrônicos:

FREI BETTO. "Alteridade, subjetividade e generosidade". Disponível em: <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/72-alteridade>. Acesso em 20 jul. 2011.

FREI BETTO. *A arte de semear estrelas*. Disponível em: <http://www.freibetto.org/index.php/livros/50-a-arte-de-semear-estrelas>. Acesso em 21 jul. 2011.